

João Barbosa

Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto – (2.º ano)

Curso de Bioengenharia

Livro: O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde

Olá Prazer, o meu nome é Dorian Gray

Dorian encontrava-se distraidamente na sala, deitado num divã, a entregar o pontilhado que revestia a sua língua a um pequeno bolo que se encontrava na travessa, travessa que lhe tinha trazido o criado e que lhe incutia o apetite para a primeira refeição do dia. O aroma do bolo (um pouco difícil de caracterizar, não saberia Dorian dizer de que seria este feito, se de abóbora, se de maçã), adensava-se um pouco por todo o compartimento. Não era um bolo que se diferenciava especialmente de tantos outros bolos que Dorian já tinha comido. No entanto, Dorian estava intrigado. Não com o bolo em si, mas com o festim que acontecia na palma da sua língua. A textura que se depositava de cada vez que encostava os lábios ao doce, a forma como que se desfazia a esponja laranja no meio de saliva, suscitava-lhe pensamentos sobre como tal coisa seria possível e o quão grande seria o empreendimento necessário para uma proeza daquelas, que, para quem não tem tempo para pensar nestas questões, parece um feito simples e nada é mais natural. O conceito de sabor estava a mexer com a sua massa cinzenta, deveras. Tal profusão de pensamentos não melhorou quando Lord Henry Wotton entrou:

- Meu caro Dorian, mais uma vez te encontro mergulhado num profundo ócio. Não deste fé do galo cantar? Certamente isto não são horas para começar o dia, salvo exceções de antecedentes noturnos. Bem que podia ser isso, mas penso que não é o teu caso hoje, dado que o teu criado me disse que não te ausentaste. Ou então... ou então, algo atormentou o teu espírito e levou o teu sono. Não me sento, é apenas um salto por aqui. – disse Lord Henry, passando a mão pelo cadeirão que se encontrava a frente daquele onde estava Dorian, quando este lhe ofereceu o lugar.

- Sabes Henry, não são os resquícios de uma noite anterior que me deixam assim, mas sim a complexidade do ser humano. Estava a matutar o quão difícil terá sido para Deus fazer coisas

tão intrigantes. Não imagino sequer como é que este bolo, (De que será ele feito? Porque têm esta cor?) possa transmitir algo tão saboroso.

-Tão saboroso, como apreciar um bom quadro, tal como fiz hoje de manhã. Ali naquela galeria que abriu recentemente, reuniam-se um conjunto de intelectuais, que bem gabavam uma menina deitada, captada por um velho renascentista do qual o nome se me evaporou. E com razão o faziam, pois, aquele tom de pele imaculado certamente estaria ao nível de um bolo como o teu, se bem que alguns daqueles homens saciavam a fome que os olhos têm da sensualidade e não a ânsia da beleza. Não os exprobro, por vezes, é difícil separar o corpo da alma. Eu quem o diga, não posso mesmo acusá-los do que quer que seja sem permanecer incólume de laivos de hipocrisia.

-Não te desossesgues, não te julgo, mas se eu percebi bem, estás a comparar um bolo a um quadro? Quer dizer, acho que ambos são bons prazeres, mas em diferente escala. O bolo é superficial. O quadro perdura, quer no nosso pensamento, quer na história. A prova disso é corpórea e és tu, que me trazes esse argumento. Não devia ser a arte um prazer mais sublime do que os prazeres rápidos, momentâneos e menos requintados?

- Não sei onde é que vês falta de requinte em apreciar um bom bolo – disse Lord Henry, rindo – Eu pessoalmente, aprecio de bom grado, um bolo bem feito, com o carinho das mãos e o equilíbrio ponderado dos ingredientes.

Mas isso não me impede de responder a tua pergunta dizendo que a arte é, efetivamente, mais sublime do que os prazeres carnis. O nosso caro Basil, enquanto andava por aqui, também concordava que a as emoções da arte eram mais elevadas, daí ser ele próprio um pintor. Ele até costumava afirmar que “ o artista é um criador de coisas belas”. Ele também achava que as outras emoções, mais banais, são importantes nas vidas insípidas dos seres humanos, até mesmo para aqueles mais elitistas. A comida, é um desses prazeres, mas não só. O deleite de dar uma caminhada, a sensação de o sol nos molhar com a sua luz, a bebida que queima a mucosa da garganta e os risos que incendeiam as soirées nos bares... Até o amor pode ser um prazer momentâneo, mas ele têm essa dualidade. Quando é real, intenso, que nos impele para nos esvairmos perante o outro em sangue e lágrimas, ou em alegria e lágrimas, ou em nudez e lágrimas, ou em saudade e lágrimas, isso é algo superior, característico de quem apresenta um intelecto cultivado e bem sensível. Aquele que almeja erudir-se, também na sensibilidade se deve construir. Mas não te deixes enganar pois mesmo os intelectuais vivem o amor corriqueiro, o beijo fugidio atrás da igreja. Agora que penso... talvez isso não seja amor, mas outra coisa mais carnal. Sim, é isso, o amor não têm dualidade nenhuma! Pode é ser confundido, pois só quem o sente é o que o vê.

-Hum, nem parecem palavras tuas, Henry, mas, por estranho que pareça, sou capaz de parcialmente concordar. Mas não sei se a beleza dessa menina pode ser comparada a este bolo, só quando a vir é que poderei opinar...A beleza sempre me conquistou.

- A beleza sempre te acompanhou - corrigiu Lord Henry.

Um silêncio aparentemente fugaz, mas perene para quem o ouvia instalou-se na sala. Embebido em pensamentos, Dorian percorria um pequeno memento que o seu espírito tinha, onde estavam carimbadas imagens hediondas de um passado conturbado. O silêncio rompeu-se, quando um pássaro falou na janela, quebrando a melancolia.

-Bela era sem dúvida Sybyl Vane, Henry...lembras-te? – continuou Dorian. Foi das coisas mais belas que vi na vida. Mas adiante. Meu caro, não pensei ver-te a falar tão avidamente sobre prazeres elevados, pois tu és um bom apreciador da vida instantânea.

- Sinto julgamento da tua parte, Dorian – ressentiu-se Lord Henry – também sou grande apreciador de prazeres intelectuais. A plenitude do hedonismo vive-se nas suas facetas rápidas e naquelas que demoram a chegar. Não tanto o amor, se calhar, dado a minha impaciência, mas eu bem apreciava todos os trabalhos, trabalhos não, mas as partes, pedaços de Basil, aquelas imagens que ele captava, de coisas belas e não belas, mas sempre belas quando captadas. Tal como aquele quadro no qual ele te petrificou, imóvel, mas eterno, até que o pó o subjuga ao esquecimento. Lembras-te desse quadro, Dorian? Nunca mais o vi, não o guardaste?

- Não faço ideia, penso que Basil o terá levado consigo – disse Dorian ríspidamente.

Henry não sabia, mas Dorian ficava tocado pelos pensamentos que lhe evocavam aquele quadro. Há muito tempo que já não pensava nele. Pelos vistos, as emoções negativas também perduravam na memória.

-É uma pena, era um quadro magnífico, que captava toda a tua face esbelta e luzidia.

Dorian continuava preso as emoções negativas. Espantava-se ao perceber que as emoções não são domínio exclusivo das pessoas, os objetos também, como o quadro, o seu alvo de escárnio.

-Sabes Dorian, acho que tudo isto são questões que não são para ser respondidas, mas sim vividas, sem aquela procura vá de um propósito antes que o nosso fim chegue. Não nos fixemos na morte, nem na vida, em nada! O propósito mais adequado a passagem terrena é não ter propósito além daqueles que o espírito visa no momento. E com este raciocínio, convido-te logo a noite, depois de jantar, para vires assistir a ópera comigo, se o teu espírito assim o quiser. Vai estrear uma soprano alemã que deu que falar nos periódicos da semana passada, de seu nome fräulein Joanna de Gothenburg.

O que nos é servido hoje, Der fliegende Holländer, não é algo de descorar, não é algo que se execute todos os dias, e sei que as melodias de Wagner te vão cativar. Penso que verás os teus

pensamentos sobre emoções obliterados por essas mesmas emoções, mesmo que sejam fingidas pela cantora, fingidas pelo observador, fingidas como é próprio do artista.

-E é bela, essa fräulein?

-Muito, Dorian, mas só te sei dizer aquilo que promete o panfleto que o meu criado me deu. Mas estou certo de que não serão fingidas as emoções que o seu perfil esbelto (assim esperemos) te causarão. Antes de mais, de olhos fechados, a música dela terá de te tocar o peito, para fazer valer o valor valioso do bilhete - gracejou Lord Henry.

-Constataremos então se tal sucederá. Até logo, Henry. Dorian ficou só na sala, pegou nas migalhas que ainda pontilhavam o prato de prata, e deixou-se deliciar, sem que a sua mente se incomodasse com coisa nenhuma, era inútil fazê-lo.